

Disputa respinga em FHC

QDB

O governo Fernando Henrique Cardoso conseguiu superar as crises externas e afastar o fantasma da inflação por conta da alta do petróleo, mas passou o ano infernizado com a crise política instalada em sua base de apoio no Congresso. Desde o primeiro embate público entre os dois maiores caciques da base aliada - o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente e líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA) -, são exatos 264 dias de guerra em 2000. E no meio de tantas denúncias de um contra o outro, quem

acabou atingido foi o governo e a figura do presidente.

"Nessa guerra particular, o Executivo vai para a berlinda e o interesse do governo é sempre tratado como algo secundário", diz o vice-presidente do Senado, Geraldo Melo (PSDB-RN). De fato, boa parte das denúncias pessoais de ACM contra Jader, na tentativa de mostrar ao Senado e à opinião pública que o presidente do PMDB não tem perfil ético ou moral para substituí-lo, envolveram órgãos da administração pública federal administrados pelo PMDB. E Jader deu o troco a ACM na mesma

moeda: devolveu as denúncias de enriquecimento ilícito e de corrupção, envolvendo correligionários, amigos e até familiares do senador baiano.

O saldo das desavenças que devem seguir tirando o sossego do governo também em 2001 incluem apurações em curso e propostas de CPIs para investigar irregularidades na Sudam e Sudene, no BNB e no DNER. Também há proposta de CPI para apurar corrupção no relacionamento das empreiteiras com o governo, em especial a Construtora OAS, de um dos genros de ACM.